

A GRUTA DE SÃO COSME E DAMIÃO E A UMBANDA, CORDISBURGO, MINAS GERAIS

THE CAVE OF SAINT COSMAS AND DAMIAN AND THE UMBANDA, CORDISBURGO, MINAS GERAIS

Luiz Eduardo Panisset Travassos (1), Aurino José Góis (2),
Rosa Lane Guimarães (3) & Isabela Dalle Varela (4)

(1) PUC Minas/Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial

(2) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(3) Bolsista da FAPEMIG/Projeto Patrimônio Geológico e Geocoservação do Quadrilátero Ferrífero

(4) Faculdade Promove e Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte

Belo Horizonte MG - luizpanisset@uol.com.br

Resumo

O texto apresenta e documenta os materiais e objetos religiosos encontrados em uma gruta na região de Cordisburgo, Minas Gerais. Os achados comprovam o uso de tais espaços para a realização de algum tipo de ritual religioso, identificado pelos pesquisadores como sendo rituais relacionados a cultos afros, mais especificamente a Umbanda. Embora as evidências sejam aqui demonstradas, os pesquisadores compreendem que esta primeira abordagem deve ser ainda mais aprofundada em estudos posteriores ainda mais abrangentes.

Palavras-Chave: sincretismo religioso, cultos afros, umbanda, Cosme e Damião.

Abstract

This paper presents and documents the material and religious artifacts found in a cave in the area of Cordisburgo, Minas Gerais. The artifacts found prove that these spaces were used for the realization of some sort of religious ritual, and this ritual has been linked to African cults, especially Umbanda. Although evidence is presented here, the researchers realize that this initial investigation must be extended to greater depth in later, more inclusive, studies.

Key-Words: religious syncretism, African cults, umbanda, Cosmas and Damian.

Introdução

É comum em diversos artigos acadêmicos a menção da relação humana com as cavernas desde os seus primórdios pré-históricos. São amplamente estudadas como locais de abrigo e expressão da arte, através das pinturas rupestres. Achados arqueológicos as descrevem como locais de práticas rituais na América Central, como templos Budistas no Sudeste Asiático ou como cavernas-igreja na Europa e no Brasil, por exemplo.

Na maioria dos lugares, as cavernas surgem também associadas a lendas e mitos de alto valor simbólico que refletem o temperamento de um grupo social. No Brasil, vários são os exemplos de cavernas onde ocorrem práticas católicas que, muitas vezes, fomentam o turismo religioso local.

O presente artigo tem como objetivo a identificação de uma pequena gruta no município de Cordisburgo, Minas Gerais, provavelmente utilizada

para ritos da Umbanda. Indícios encontrados em seu interior comprovam a utilização da gruta para rituais religiosos relacionados aos cultos afro-brasileiros. Sendo assim, o presente trabalho destaca uma forma de uso religioso menos comum (ou menos documentada) relacionado às religiões de matriz africana e as cavernas.

Religiões afro-brasileiras

Entre as chamadas religiões de matriz não cristã que se desenvolveram no Brasil ao lado do catolicismo e do protestantismo, há um grupo que se destaca por sua posição em relação à cultura nacional: *as religiões afro-brasileiras*.

Para Prandi (2004) e Gaarder et al. (2000; 2006) os *cultos afro-brasileiros* surgiram no Brasil, a partir de tradições trazidas pelos escravos originários da África. Funcionavam até meados do século XX como uma espécie de instituição de

resistência cultural primeiramente dos africanos e depois, dos afro-descendentes.

O surgimento das religiões afro-brasileiras está relacionado ao desenvolvimento histórico do século XIX, quando o catolicismo (religião oficial do estado português) era a única religião tolerada e imposta na Colônia. Dessa forma, era freqüente a repressão aos cultos dos negros africanos. Para se viver no Brasil Colonial era indispensável ser católico. Por essa razão, os negros que recriaram no país as religiões africanas se diziam católicos e se comportavam como tais, freqüentando tanto os rituais de seus ancestrais como os ritos católicos (Prandi, 2003).

A devoção aos santos como Santo Antônio, São Sebastião, São Jorge, São Cosme e Damião e a Virgem Maria em suas várias denominações, foi uma das características desse catolicismo que teve influência na formação das religiões afro-brasileiras (Silva, 2007). Acredita-se que por preconceito ou desinformação, muitos autores não utilizam o termo *religião*, preferindo adotar o termo *rituais-afro*.

A evolução das religiões afro-brasileiras se mistura com a história nacional, formando-se em vários Estados. “Assim, por terem se formado em diferentes períodos, adquirem diferentes formas rituais” (Gaarder et al., 2006:312). Manifestam-se de maneira distinta, em diferentes pontos do país: o *candomblé*, e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais em Pernambuco de *xangô*, no Maranhão, de *tambor-de-mina*; na Amazônia de *pajelança*; na Paraíba e no sertão de *catimbó*; no Rio Grande do Sul de *batuque* e no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, de *macumba* (Bastide, 1973; Lima, 1979; Gaardner, 2000; Prandi, 2001; 2003; Silva, 1994).

A Umbanda e as cavernas

Para Gaarder et al. (2006), considerada como uma religião tipicamente brasileira, a *Umbanda* se destaca no grupo dos cultos afro-brasileiros por ter menos apego a suas “raízes” ou às marcas africanas originais. Comporta-se, portanto, como uma religião universal.

Surgida na década de 20, no Rio de Janeiro, disseminou-se pelo território nacional a partir dos anos 30 e 40, tornando-se uma religião não restrita aos afro-descendentes sendo, portanto, aberta a todos que desejassem participar. Desde o início a *Umbanda* se mostrou visivelmente multiétnica com uma forte presença de brancos. Para Prandi (2003:5) ela “(...) já nasceu num processo de branqueamento

e ruptura com símbolos e características africanas, propondo-se numa religião para todos”.

A *Umbanda* é uma crença dinâmica, resultado do encontro cultural das crenças e práticas do antigo *candomblé* da Bahia, dos símbolos e dos espíritos dos povos indígenas e do espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX. A união desses elementos constitui seu sincretismo religioso (Valente, 1955; Paolo, 1979; Silva, 1994; 1995; Gaardner, 2000; Maggie, 2001; Prandi, 2001; 2003; 2004; Tognolli, 2007), embora alguns praticantes de diferentes vertentes espíritas não concordem com esses autores.

A *Umbanda* é uma prática ritualística mais sincrética do que o *candomblé*, adotando desse último também as influências católicas. Mais do que o simples reconhecimento de traços católicos, ela incorporou em suas práticas as preces, as devoções e alguns valores do catolicismo (Prandi, 2004).

Para Prandi (2004), inicialmente, a *Umbanda* se imaginou como religião étnica, capaz de fazer a distinção entre o bem e o mal à moda ocidental cristã. Entretanto, acabou criando para si uma armadilha ao separar o campo do bem e do mal, povoando o *bem* com seus guias de caridade, os caboclos, pretos-velhos e crianças e o *mal* com os exus e pombagiras, entidades que em sua ambivalência podem realizar tanto o bem quanto o mal quando necessário. Assim, entre escolher pela regulação moral da conduta, e ser uma religião estritamente ritual voltada para a manipulação mágica do mundo, a *Umbanda* optou pelo caminho do meio (Gaarder et al., 2006).

Os rituais umbandistas são normalmente realizados em “*terreiros*”, lugares sagrados “*para os Umbandistas, onde acontecem o culto aos orixás e as “giras”, sessões em que os médiuns incorporam espíritos e atendem o público*” (Tognolli, 2007:52). No entanto, algumas cerimônias ou rituais podem também ser realizados em locais como matas, rios, praias, cachoeiras, estradas, encruzilhadas, entre outros. Nos terreiros existem altares com imagens de Nossa Senhora, Santa Bárbara, São Cosme e Damião e São Jorge, dentre outros.

Silva (2007) identifica algumas cerimônias e rituais umbandistas em homenagem a São Jorge, em São Paulo, festas para Iemanjá na virada do Ano Novo nas praias de Copacabana e cerimônias de batismo realizadas em cachoeiras.

Silva citado por Morais (2006) afirma que os rituais também podem ser realizados fora dos terreiros, nos chamados domínios míticos identificados como as matas, os rios ou pedreiras. Morais (2006) aponta que, como consequência da

crescente urbanização e a diminuição da falta de espaços naturais, houve uma procura por outros espaços onde as divindades poderiam ser cultuadas perto da natureza, como forma de adaptação a esse novo ambiente, extrapolando os limites dos terreiros. Para a autora, locais naturais anteriormente utilizados para realização dos rituais ou para depósito de trabalhos, oferendas ou ebós foram gradativamente substituída por outros lugares como as lagoas, encruzilhadas e praças, por exemplo.

Além destes rituais, existem outros que podem ser realizados fora dos terreiros em grupo ou individualmente. São os *despachos* ou *oferendas* como parte integrante dos cultos da Umbanda. Segundo Silva (2007:10) um despacho consiste na “oferenda alimentar ou sacrifício de animal feitos em homenagem a divindades para obter uma ajuda e proteção na solução de problemas”. Nos locais onde são realizados os despachos podem ser encontradas, entre outros elementos, velas, flores de plástico, garrafas de bebidas, pratos e comidas necessários para a realização dos cultos. Nas religiões afro-brasileiras a alimentação tem função simbólica primordial. Surgem como forma de manutenção do *axé* (força vital) do orixá e do fiel. “Oferecem-se alimentos aos orixás e a outras divindades para fortalecê-los, simbolicamente, nutrindo-os de atenção, respeito, reconhecimento, amor e confiança” (Silva, 2007:68).

Segundo Teixeira Neto (1969) as oferendas são a forma encontrada pelo praticante para agradar, homenagear e oferecer aos deuses ou às entidades espirituais sua devoção. Normalmente são realizadas

para obtenção de favores (para “abrir caminhos”, melhorar a condição de vida e de saúde, desmanchar trabalhos realizados, afastar situações difíceis da vida, doenças, etc.) e, também, o agradecimento pela realização dos pedidos.

No Brasil, a existência de cavernas voltadas às práticas afro-descendentes não é muito documentada. Ao contrário, inúmeros são os casos documentados de pequenas cavernas dedicadas a santos católicos, funcionando como oratórios próximos a trilhas ou estradas.

Materiais e Métodos

O trabalho, de cunho teórico-prático, teve seu desenvolvimento através de revisão bibliográfica e levantamento de dados sobre a temática. O trabalho de campo coincidiu com os trabalhos de Travassos (2007), onde a gruta foi descoberta casualmente.

O mapa de localização da região de estudos foi gerado utilizando o software ArcGIS 9.2 do Laboratório de Estudos Ambientais do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas.

A base digital definida (cartas topográficas e bases digitais do IBGE, em escala 1:100.000) foi complementada e atualizada. A localização geográfica da caverna foi propositalmente suprimida para evitar manifestações de intolerância e preconceito contra os praticantes ou contra o local de culto.

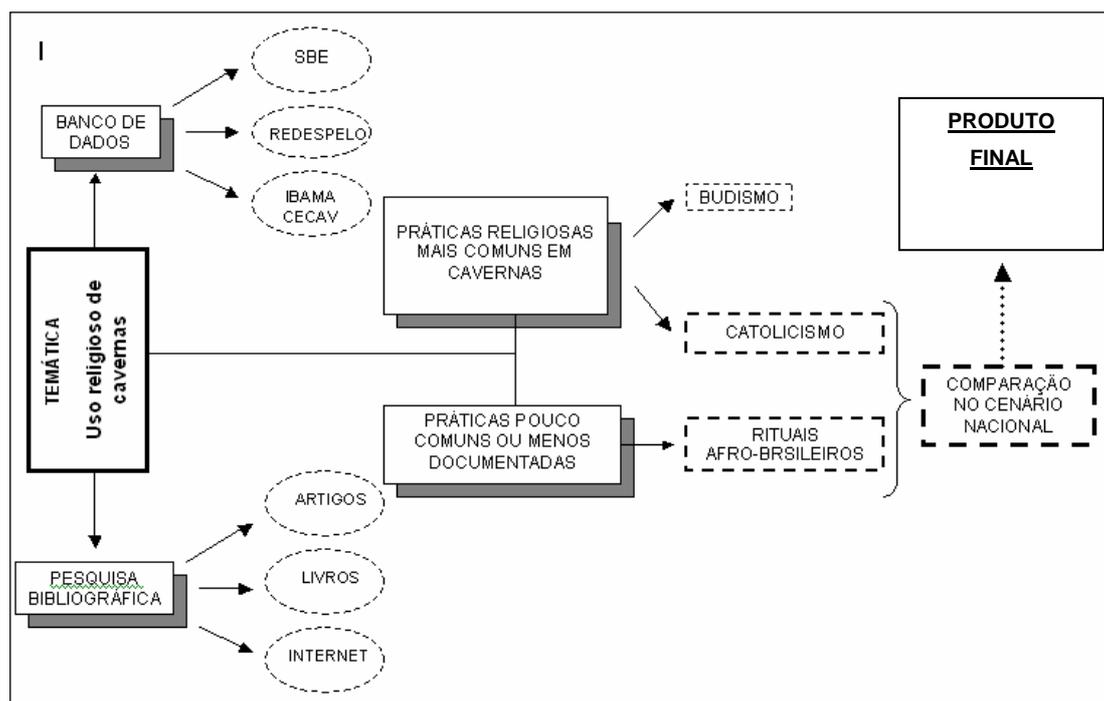


Figura 1: Fluxograma da metodologia desenvolvida.

Resultados e discussões

O município de Cordisburgo (Fig. 2) localiza-se a cerca de 110 km a noroeste da capital mineira. A região é servida pelas rodovias BR-040 e a MG-231, acesso à sede municipal. Estima-se que sua população seja de cerca de 8.574 habitantes (IBGE, 2000) distribuídos irregularmente em uma área de 823 km².

A Gruta de São Cosme e Damião (Fig. 3) encontra-se às margens da rodovia MG-231. Está

inserida em uma região de carste tropical ainda pouco pesquisada que carece de mais trabalhos sobre o meio físico, biótico e cultural regional. Trata-se de uma importante área com expressivas formas cársticas como cavernas, maciços, dolinas e poljes. Esse conjunto paisagístico revela importantes feições cársticas de grande significado no âmbito histórico e cultural. A região é considerada como o berço da união da paleontologia, arqueologia e espeleologia nas Américas.

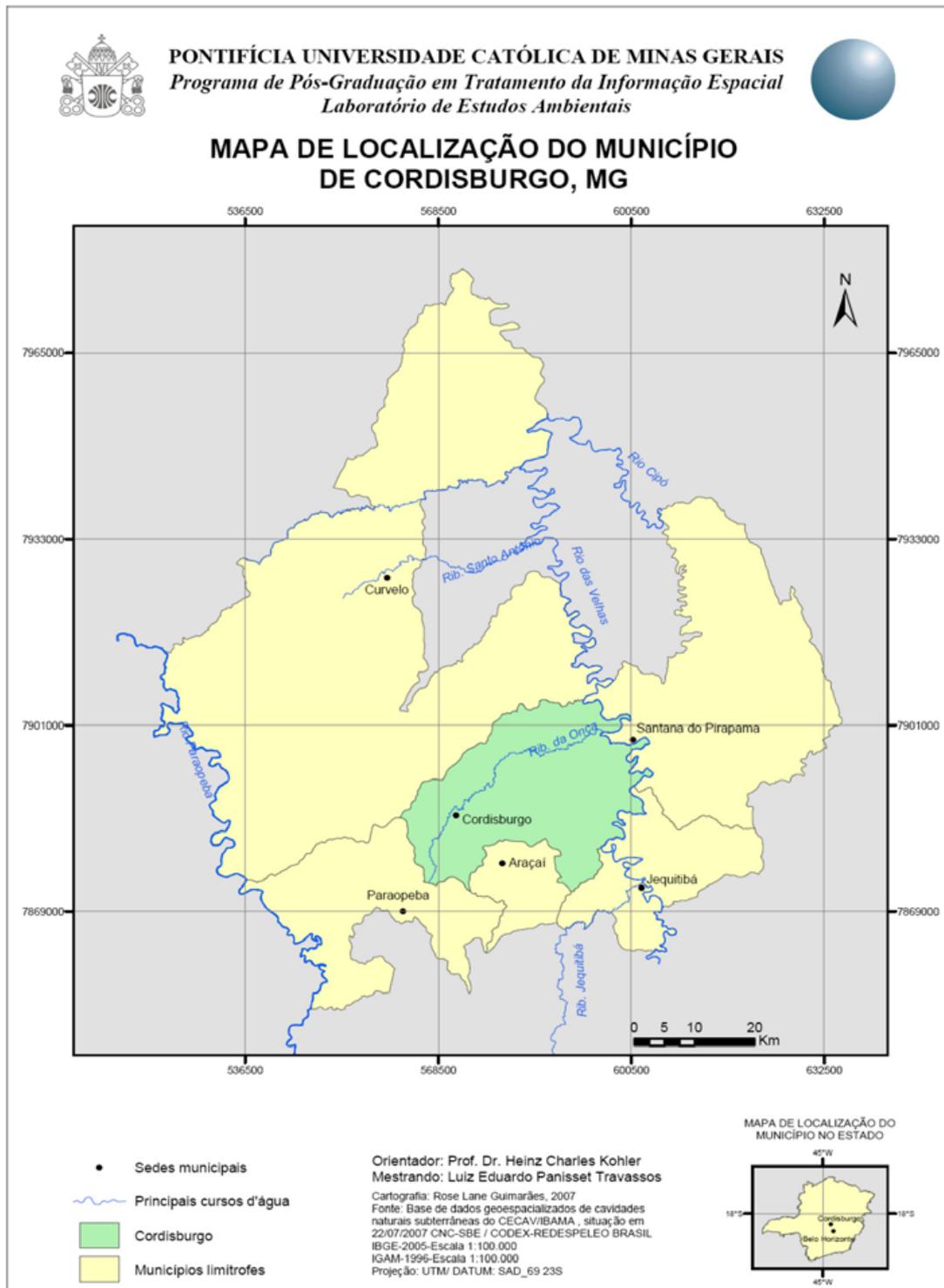


Figura 2: Mapa de localização do município de Cordisburgo (MG) e seus municípios limítrofes
Campinas, SeTur/SBE. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 1(2), 2008.



Figura 3: Vista da entrada da gruta (Foto: Luiz Eduardo Panisset Travassos, 2007).

O carste da região de Cordisburgo apresenta-se como um dos mais belos exemplares de carste tropical, palco de importantes descobertas científicas por parte de Peter Wilhelm Lund, na segunda metade do século XIX. São conhecidas e exploradas na região, cerca de 16 cavernas, com maior destaque à Gruta da Morena (4.620m), à Lapa Nova do Maquine (1.312m), à Gruta do Salitre (1.098m) e à Gruta do Tobogã (1.000m). Na década de 50, o município foi também cenário para as obras literárias de João Guimarães Rosa (Travassos, 2007).

A porção conhecida do endocarste de Cordisburgo é composta por 16 cavernas ou, como em termos legais, *cavidades naturais subterrâneas*. Tal definição, no entanto, não reflete necessariamente a realidade quando as definem como “*todo e qualquer espaço subterrâneo penetrável pelo homem com ou sem abertura identificada, popularmente conhecida como caverna*” (Decreto nº 99.556 de 1º de Outubro de 1990).

Embora tal definição tenha mérito quando se leva em conta o fato de que as investigações científicas ocorrem nessas cavernas, tal visão antropocêntrica pode levar a erros conceituais significativos, principalmente quanto à sua gênese. Dessa forma, deve ser vista com cautela.

Na geomorfologia cárstica, o termo *caverna* é utilizado para designar os espaços existentes dentro da rocha calcária na zona vadosa desde os primeiros momentos da espeleogênese.

Para Palmer (1991; 2002) e Ford e Williams (2007), uma caverna cárstica deve ser definida como abertura originada pela dissolução da água e com diâmetro suficiente para a produção de energia cinética para a fase de escoamento da água. Tal fase consiste na formação de vazios de 5 a 15 mm que permitem a mudança do fluxo de lento para turbulento e, conseqüentemente, o favorecimento da dissolução.

Por esse motivo, adotou-se o termo *gruta*, comum na região, para designar a cavidade natural estudada.

A gruta possui cerca de 5 m de projeção horizontal, na forma de um pequeno oratório em cúpula. Em termos geológicos, a área investigada insere-se no contexto da unidade geotectônica do Supergrupo São Francisco, Grupo Bambuí, Subgrupo Paraopeba (Pedrosa Soares, 1994), composta por compartimentos rochosos de idades diversas. Para Almeida (1977) a província geotectônica do Cráton São Francisco é limitada pelo bloco arqueano/paleoproterozóico do Quadrilátero Ferrífero, pelo bloco do Espinhaço

(Proterozóico Médio) e pela extensa bacia metassedimentar do Grupo Bambuí (Proterozóico Superior).

Em Cordisburgo predominam rochas do Subgrupo Paraopeba, Formação Lagoa do Jacaré. São comuns as ardósias, os calcários, os filitos, folhelhos e metassiltitos depositados sobre a superfície irregular do embasamento cristalino da unidade primária composta por granitos e gnaisses (Noce e Renger, 2005). Acredita-se ser possível a ocorrência de calcários da Formação Sete Lagoas.

Na caverna foi possível encontrar indícios da realização de prática religiosa individual ou coletiva de pequenos grupos: uma imagem de São Cosme e Damião, uma pomba branca de gesso representativa do Espírito Santo, velas e cacos de garrafas de bebidas alcoólicas, elementos comuns à umbanda. Tanto a imagem de São Cosme e Damião, quanto a pomba foram encontrados danificadas. Jornais com a data de janeiro de 2006 foram encontrados no interior.

A tradição oral identifica São Cosme e Damião como os gêmeos Acta e Passio, nascidos entre os anos 280 e 287. Considerados médicos propagadores do Cristianismo na Síria e Armênia, por volta do ano 300 foram perseguidos e levados perante a um tribunal, acusados de se entregarem à prática de feitiçaria e de usar meios diabólicos para disfarçar as curas que realizavam.

Em 303 foram decapitados e, em função do martírio, foram canonizados pelo vaticano. Seu culto propagou-se primeiramente pelos países da Europa e em outros países. No Brasil, em 1530, foi construída uma igreja em Pernambuco em sua homenagem. São Cosme e Damião têm também um lugar muito

especial na Umbanda, onde são cultuados e festejados no dia 27 de setembro. São sincretizados à *Beiji* ou *Ibeji* (Valente, 1955; Felix, 1965; Ortiz, 1978; Silva, 2007)

Segundo Tognolli (2007) as crianças ou *erês* são espíritos infantis que representam a inocência e a pureza de sentimentos. Para Ortiz (1978) possuem uma dimensão divina, e também representam a idéia de pureza e inocência, dando ao culto umbandista uma dimensão de alegria.

Para Teixeira Neto (1969) e Lima (1979), as oferendas à São Cosme e Damião são depositadas em jardins ou em praças, usualmente compostas por balas, bombons e outros doces. Além disso, os praticantes acreditam que ao acenderem velas, seus caminhos espirituais serão iluminados.

Sabe-se da ligação das cavernas com a história do homem na Terra. Por essa razão, são elementos importantes na evolução de diferentes civilizações e culturas. Não é de se estranhar, portanto, que são importantes panos de fundo em lendas e mitos de criação, por exemplo. Tanto na Europa, quanto no Brasil e em diversas partes do mundo as cavernas têm sido utilizadas como santuários, entre outras coisas. Muitas das cavernas santuário, encontram-se “sacrificadas” mas, dificilmente serão deixadas para a prática em outros locais.

É inegável que tais práticas causam determinados impactos ao ambiente, assim como a presença de pesquisadores ou turistas em seu interior também causam. Tais cavernas-igreja (ou cavernas-templo) devem continuar a existir, pois não afetam gravemente o patrimônio espeleológico como um todo.

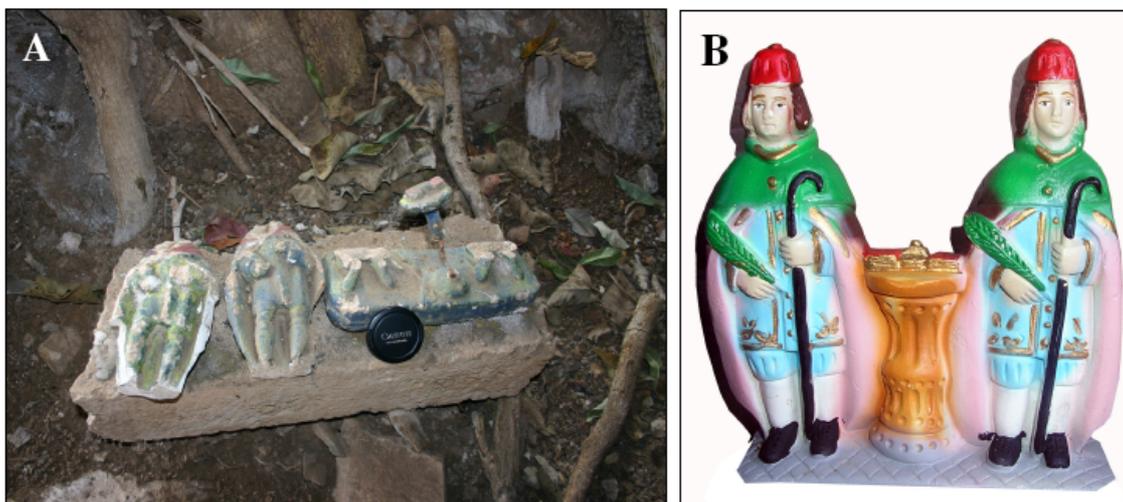


Figura 4: Em “A”, pedaços da imagem de São Cosme e Damião encontrada no interior da gruta. A tampa da máquina representa a escala de 6 cm (Foto: Luiz Eduardo Panisset Travassos, 2007). Em “B”, imagem nova de São Cosme e Damião para comparação com a imagem encontrada (Foto: Rose Lane Guimarães 2007).



Figura 5: Em “A”, pedaços de uma pomba branca, representativa do Espírito Santo e embalagem de velas utilizadas no ritual. Em “B”, garrafa vazia de bebida alcoólica encontrada no interior da gruta A tampa da máquina representa a escala de 6 cm (Foto: Travassos, 2007).

No Brasil, das quase 5.000 cavernas conhecidas, apenas cerca de 15 podem ser consideradas de uso religioso e, portanto, não acreditamos ser necessária uma intervenção no sentido de proibir ou forçar uma disciplina que vai contra séculos de tradição.

Deve-se buscar o diálogo com os diversos atores sociais envolvidos e desencorajar o uso de outras cavernas para esse fim. Isto nos parece o mais correto e também o mais simples, pois quando um espaço se torna um *lugar sagrado*, a “migração” para outros dificilmente ocorre. Tomemos como exemplo Bom Jesus da Lapa que é utilizada como Igreja desde 1691 e a Gruta de Lourdes na França, desde 1854.

Considerações finais

Os materiais e os símbolos religiosos aqui mencionados foram encontrados no interior de uma caverna e, certamente, assinalam o uso desses espaços para algum tipo de culto ou ritual a eles associados.

Em nosso estudo, identificamos essas religiões como sendo de matriz africana, mais especificamente relacionada à Umbanda. Todavia, um estudo da religiosidade do entorno das grutas permitiria uma possível identificação dos grupos ou comunidades religiosas diretamente relacionadas com esse uso ou a apropriação deste espaço natural para seus cultos. Tarefa esta que nos propomos na continuidade de nossas investigações.

É importante ressaltar que as conclusões, apesar das evidências demonstradas, podem ainda ter um caráter exploratório se considerarmos a diversidade dos cultos umbandísticos provenientes de sua amplitude sincrética. Por este motivo, afirmamos que um estudo etnológico da religiosidade da região nos ajudaria a melhor interpretar os achados.

Espera-se que, em futuro próximo, possamos oferecer aos leitores um estudo ainda mais detalhado e rico e, dessa forma, contribuir neste campo de investigação, ainda incipiente: o da investigação de cultos religiosos de matriz africana em cavernas.

Referências Bibliográficas

- Almeida, F. F. M. 1977. O Cráton do São Francisco. *Revista Brasileira de Geociências*, 7(4): 349-364.
- Felix, C. E. 1965. *Cartilha da umbanda*. Rio de Janeiro: Eco.
- Ford, D.C. & Williams, P.W. 2007. *Karst geomorphology and hidrology*. United Kingdom: Wiley.
- Gaarder, J., Hellern, V. & Notaker, H. 2006. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Gaarder, J., Hellern, V. & Notaker, H. 2000. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lima, D. B. de F. F. 1979. *Malungo: decodificação da umbanda : contribuição à história das religiões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 241p.
- Morais, M. R. de. 2006. *O candomblé na metrópole: a construção da identidade em dois terreiros de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 131p.

- Noce, C.M. & Renger, F.E. 2005. A história ecológica da bacia hidrográfica. In: Goulart, E.M.A. (Org.) *Navegando o Rio das Velhas das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Instituto Guaiaçuy-SOS Rio das Velhas/Projeto Manuelzão-UFMG. 241-263
- Ortiz, R. 1978. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda: integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis: Vozes.
- Palmer, A. N., 2002. Speleogenesis in carbonate rocks. In: Gabrovšek, Franci (Ed.). *Evolution of Karst: from prekarst to cessation*. Postojna/Ljubljana: Inštitut za Raziskovanje krasa, ZRC SAZU, 43-60.
- Palmer, A.N. 1991. Origin and Morphology of Limestone Caves. *Geological Society of America Bulletin*, 103: 1-21.
- Paolo, P. di. 1979. *Umbanda e integração social: uma investigação sociológica na Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- Prandi, J. R. 2001. O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16 (47): 43–47.
- Prandi, J. R. 2003. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas, Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Porto Alegre, PUC-RS, 3(1):15-34.
- Prandi, J.R. 2004. *O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso*. Estudos Avançados, São Paulo, 18(52): 51-66.
- Pedrosa Soares, A.C. 1994. *Mapa geológico metalogenético e de ocorrências minerais do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Recursos Minerais e Energéticos-SEME/COMIG. 1 mapa: color. Escala 1:1.000.000
- Silva, V. G. da. 1994. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática.
- Silva, V. G. da. 1995. *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, V. G. da. 2007. A criação da umbanda. *História Viva*. Grandes Religiões: Cultos Afros. São Paulo, 6: 34-39
- Teixeira Neto, A.A. 1969. *Despachos e oferendas na umbanda*. Rio de Janeiro: Eco Guanabara.
- Travassos, L.E.P. 2007. *Caracterização do carste de Cordisburgo, Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. 95p.
- Tognolli, C. J. 2007. A nova cara da umbanda. *Galileu*, 195: 46-57.
- Valente, W. 1955. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Nacional.

Fluxo editorial:

Recebido em: 02.06.2008

Enviado para avaliação em: 25.06.2008

Enviado para correção ao autor em: 15.07.2008

Aprovado em: 19.08.2008



A *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas* é uma publicação da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SeTur/SBE). Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

www.sbe.com.br/turismo.asp
